

## entreviSta

### ENTREVISTA: LEO WETZELS

por Gean Damulakis (UFRJ)



Leo Wetzels é linguista de renome internacional e tem oferecido várias contribuições para o entendimento de questões universais sobre a linguagem, bem como tem contribuído para a descrição de diversos fenômenos de línguas particulares. Formou-se em Línguas Românicas pela Universidade de Nijmegen e, em 1990, começou a trabalhar na Universidade Livre de Amsterdam, ocupando a cátedra de Línguas Românicas (redefinida em 2002 como “Línguas Românicas e Amazônicas”). Seus trabalhos abordam especialmente a fonologia e a morfologia dessas línguas, com ênfase para os trabalhos sobre português brasileiro. Suas contribuições para os estudos das línguas indígenas também merecem destaque. Em 1995, editou o livro *Estudos fonológicos das línguas indígenas brasileiras*, cujos capítulos são compostos de pesquisas e análises suas e de alguns estudiosos brasileiros, vinculados ao Setor de Linguística do Museu Nacional (MN/UFRJ), onde atuou como Professor Visitante nesse período. Além dos trabalhos com esse enfoque, tem orientado teses de doutorado sobre muitas línguas indígenas sul-ameri-

canas, sobretudo as faladas no Brasil. Leo Wetzels já atuou como professor visitante na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (instituição que lhe concedeu, recentemente, o título de Doutor *Honoris Causa*), Universidade Federal de Pernambuco, Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade de São Paulo e Universidade Estadual de Campinas, entre outras instituições brasileiras. O pesquisador atuou também como diretor de pesquisa do *Laboratoire de Phonétique et Phonologie CNRS/Sorbonne Nouvelle* (Paris). Atualmente, é editor da Revista *Probus*.

**Revista Linguística:** Você organizou o livro *Estudos fonológicos das línguas indígenas brasileiras*, em 1995, o qual ainda hoje, quase 20 anos depois, é referência para estudos nessa área. Como foi a organização e a seleção dos trabalhos para esse livro?

**Leo Wetzels:** Esse livro foi o resultado de uma série de aulas que dei no Museu Nacional nos anos 1989 e 1990. Se não me engano, foi Marília Facó quem escolheu o desenho e as cores; à Marília também agradeço, no livro, a tradução de meus artigos e a edição dos outros artigos, e também por ter sido a intermediária efetiva entre mim e a Editora da UFRJ. Tendo saído do IEL antes da data prevista, me foi oferecida uma alternativa institucional por Charlotte Emmerich, que me convidou para passar um tempo com o pessoal do Museu Nacional. Ainda sou grato a Charlotte por ter me oferecido a oportunidade e por ter me deixado morar naquele apartamento bonito com varanda florida em frente ao Jardim Botânico, não longe do qual havia um barzinho que servia no telhado uma caipirinha de maracujá gostosa e ainda com preço acessível. Lá, no Museu, pude prosseguir no meu interesse sobre as línguas nativas brasileiras e aprofundar meu conhecimento sobre elas, na companhia das especialistas Marília Facó, Charlotte Emmerich, Bruna Franchetto, Yonne Leite e Tania de Souza. Também fiz amizade com João Moraes, Anthony Naro e outros pesquisadores da UFRJ que já conhecia por seus trabalhos na área do português brasileiro. Retornei ao Museu no ano seguinte e propus para as professoras que fizéssemos um livro, usando as teorias fonológicas não-lineares, que, à época, estavam na moda. A ideia era que cada uma retomasse alguns fenômenos fonológicos da língua indígena da qual era especialista, os quais seriam mais bem explicados com base nos novos modelos. Eu mesmo escolhi trabalhar com as línguas que permitiam explicar os detalhes da teoria da sílaba, evidenciando a relevância da estrutura silábica a partir da emergência das consoantes polifásicas do Kaingáng, e da geometria de traços com o estudo das consoantes intrusivas e da pré-vocalização das consoantes codais do Maxakalí. Também convidei Daniel Everett e Marcia Suzuki, que conhecia do IEL, para participar do livro, completando-o com seus estudos sobre o acento. De fato, o livro foi organizado com o intento de divulgar essas novas teorias, aplicando-as a línguas brasileiras. Foi escrito em português, precisamente, para que os alunos pudessem melhor tomar conhecimento da matéria. Minha impressão é que nosso objetivo didático foi plenamente alcançado, a julgar pelas frequentes referências a este livro por parte de alunos da chamada linguística indígena.

**Revista Linguística:** Como nasceu seu interesse e como se deu seu contato com línguas indígenas faladas no Brasil? Poderia nos contar sobre sua experiência entre os Pirahã?

**Leo Wetzels:** Vou responder às duas perguntas em conjunto, pois não é difícil imaginar que a minha visita aos Pirahã teve muito a ver com meu interesse na vida e na cultura dos índios. A visita ocorreu no ano de 1986, quando Luiz Carlos Cagliari me convidou para atuar como pesquisador visitante no IEL da UNICAMP. Sendo professor de línguas românicas, meu interesse era, sobretudo, na área da fonologia e morfologia do português brasileiro. Eu havia conhecido Luiz Carlos num congresso em Florianópolis, organizado por Jean-Pierre Angenot e Giles Istre, em 1984. Foi nele também que conheci Leda Bisol. O encontro com Leda e Luiz Carlos [Cagliari] foi importantíssimo para mim, porque desse primeiro contato nasceu uma relação acadêmica extremamente frutífera na área do português, que persiste até hoje, além de uma relação de grande amizade. No IEL, conheci Daniel Everett, quando era professor de linguística na UNICAMP. Ele acabara de voltar de uma viagem ao rio Maici, onde visitou os índios Pirahã com alunos de mestrado, para que esses realizassem um estágio de trabalho de campo. Naquele momento, ainda não tinha tido a oportunidade de conhecer a floresta amazônica, e fiquei decepcionado por não os ter encontrado antes e não ter vivido essa experiência junto com eles. Falei com Daniel e perguntei para quando ele estaria prevendo uma nova ida aos Pi-

rahã. Ele me respondeu que a viagem era cansativa e, sobretudo, cara, de forma que não teria condições para retornar em breve. Então, me dispus a arcar com as despesas de uma nova expedição, contanto que ocorresse logo (isso foi na época do presidente Collor de Mello, nos tempos da hiperinflação, dos preços congelados e do florim valendo uma fortuna, só para dizer que o contexto econômico era favorável a um estrangeiro). Logo depois, estávamos fazendo as preparações para viajar, Daniel com a esposa dele, minha parceira Manuela e eu. Fomos de ônibus até Brasília, de avião para Porto Velho, de barco até a ilha Auxiliadora no Rio Madeira, onde encontramos a pessoa que nos levou de barco, pelo Rio Marmellos, até alcançarmos o rio Maici e chegarmos nos Pirahã. A viagem foi longa mas impressionante, com alto grau de aventura à la Indiana Jones: o calor e a umidade próprios dos trópicos, o barco infestado de ratazanas, os botos do rio Madeira acompanhando o barco, a floresta densa do rio Maici com os macacos balançando nas copas das árvores, os ruídos da mata ao cair do sol, o Reveillon no rio Maici em meio a uma tempestade assustadora, o relâmpago refletindo na água e iluminando a floresta, como se tivéssemos encomendado um fogo de artifício para celebrar o ano novo, e, na noite do dia seguinte, os Pirahã, todos reunidos na beira do rio, falando ao mesmo tempo. Evidentemente, não percebi muito da língua e apenas me comuniquei com os índios tendo Daniel como intérprete. Ficamos um tempo em várias aldeias, passando as noites nas redes estendidas no barco, solucionando o nojo das ratazanas com um gato que pegamos emprestado dos Pirahã. Fiquei muitíssimo impressionado com o modo de ser e de viver desse povo. Filmei os acontecimentos da viagem com uma Kodak Super-8. Faz pelo menos 20 anos que não vejo o filme, devido às complicações envolvidas na montagem de um equipamento desse tipo. Devia mandar digitalizar as fitas. As imagens podem ter um valor histórico, e seria uma pena perdê-las. Por outro lado, naquela época, meu intento não era o de fazer um documentário antropológico, mas somente o de registrar uma lembrança para mim e minha namorada, lembrança de uma aventura que, mesmo sem o filme, já se mostrava inesquecível.

De qualquer maneira, meu interesse na cultura e nas condições de vida dos índios se originou dessa viagem. A minha entrada na linguística indígena só se deu em 1990, ano que voltei para UNICAMP, com o fim de retomar meus estudos de fonologia e morfologia do português. Aryon Rodrigues e Daniele [Grannier] Rodrigues haviam se mudado para Brasília e nos ofereceram a sua casa no campus da Universidade, na Rua Roxo Moreira. No porão da casa havia uma biblioteca que era, provavelmente, a mais completa em livros e escritos, a maioria desses não publicados, sobre as línguas e as culturas nativas brasileiras e de outros países sul americanos, oferecendo para mim uma oportunidade imprevista que mudou profundamente minha vida acadêmica. Em vez de estudar a estrutura do português, li as dissertações, as teses e os livros sobre os índios e suas línguas. Formado em linguística histórica das línguas indo-europeias, foi uma revelação descobrir o quanto a estrutura fonológica e morfológica das línguas indígenas eram diferentes daquelas que conhecia. Por essa oportunidade, ficarei para sempre em dívida com Aryon e Daniele, fato que já registrei em outro lugar.

A partir daí, o meu envolvimento com as línguas indígenas se acelerou com o projeto das línguas Nambikwára, a maioria delas polissintéticas, que nunca teria acontecido se Stella Telles não tivesse me pedido para orientar sua tese sobre o Latundê, uma língua Nambikwára do grupo do norte. Ao Latundê se juntaram o Sararê, o Sabanê, o Mamaindê, o Proto Nambikwára, além de um estudo antropológico, *Allegories of Wildness*, realizado por Edwin Reesink, atualmente professor da UFPE. Recentemente, juntou-se ao projeto a doutoranda Gabriela Braga, que prepara uma tese sobre a prosódia Negarotê, em regime de cotutela entre a UFPE e a Vrije Universiteit Amsterdam. Ao projeto Nam-

bikwára sucedeu o projeto Maku, com uma excelente gramática da língua Dâw, uma reconstrução do Proto-Maku oriental, uma descrição exemplar da língua Puinave da Colômbia e a descrição ainda em progresso da língua Nìkak, também da Colômbia. Depois disso, várias outras línguas da América Latina foram descritas sob minha orientação, inclusive a língua Aymara dos Andes e um estudo comparativo do grupo Cholon, pertencente às línguas Maia do México, além das línguas brasileiras Nheengatu, Katukina, Saynáwa e Bakairi, e de várias outras ainda em andamento. Para garantir aos alunos a melhor orientação possível, sempre convidei colegas como coorientadores, como Willem Adelaar, Francesc Queixalós, Jon Landaburu e Stella Telles. O processo de aprendizagem pelo qual passei como orientador de todos esses trabalhos foi intenso e deu uma dimensão fascinante à minha pesquisa acadêmica e, sobretudo, ao meu papel de professor, a parte da minha profissão que sempre achei mais importante e gratificante.

**Revista Linguística:** Em sua opinião, qual é a importância para a linguística da pesquisa sobre línguas indígenas?

**Leo Wetzel:** Esta é uma pergunta recorrente nas entrevistas, mas sempre difícil de responder. Uma resposta frequente é mais ou menos a seguinte: para saber como o ser humano constrói a relação entre som e sentido de sua língua (= sua gramática), temos de estudar as línguas do mundo. No momento em que sabemos que há várias maneiras de construir um sistema de comunicação oral eficaz, nos perguntamos: o que esses sistemas têm em comum e qual é a variação possível entre eles? Sabendo isso, numa abordagem interdisciplinar, poderá se estabelecer se existe no homem uma predisposição inata para aprender línguas e, se existir, será possível identificar quais as suas propriedades, qual parte da estrutura gramatical se explica por essa predisposição e qual parte pelas estratégias de aprendizagem gerais e independentes da língua. Independentemente desse objetivo ambicioso e de longo prazo, a construção de uma gramática específica já não é uma tarefa fácil. Qualquer gramática representa um sistema que, embora surpreenda sempre por sua grande regularidade, já é bastante complexo. Basta se dar conta de que centenas de estudiosos quebraram a cabeça, e continuam quebrando, para descobrir a estrutura dos diversos componentes da gramática do português, que envolvem a estrutura sonora, incluindo a entoacional, a estrutura da palavra, da frase, e a estrutura semântica. Os pesquisadores muitas vezes se especializam num só dos componentes da gramática ou mesmo numa pequena parte de um dado componente. Nesse sentido, no caso da fonologia, há especialistas do acento, do tom, da sílaba, dos processos segmentais ou da entoação, sem falar das disciplinas aplicadas, tais como a aquisição do sistema sonoro, a sociofonologia, a interface fonética/fonologia, a fonoaudiologia, além da teoria literária, etc. Observe que as disciplinas aplicadas mostram que o interesse do estudo da gramática não se limita à descoberta das estruturas gramaticais, mas que abarca um interesse social importantíssimo, nas áreas da sociologia, da cognição, da terapia da fala e das artes. Novas teorias oferecem maneiras diferentes de estudar a língua e favorecem a descoberta de relações e interdependências estruturais desconhecidas anteriormente, assim como propiciam novas explicações. Agora, voltando para as línguas minoritárias, inclusive as línguas indígenas sul-americanas, não existe de nenhuma delas um grau de conhecimento igual ao que temos do português ou de algumas outras línguas indo-europeias, tais como o inglês, o francês, o espanhol etc. De qualquer maneira, a contribuição dos estudos das línguas nativas à linguística geral é considerável, mesmo sabendo que, pela falta de conhecimento detalhado das línguas que já foram estudadas, ainda não seja possível avaliar

efetivamente o tamanho de sua relevância para a ciência, sem falar das milhares de línguas cujas estruturas ainda estão completamente desconhecidas. Um vocabulário relativamente restrito já pode ser suficiente para fazer a classificação genética de uma língua e para estabelecer um sistema de fonemas que pode servir para refutar teorias, tais como a economia dos traços fonológicos de Martinet, revisitado por Clements, ou a teoria da dispersão ou da marcação. Tal vocabulário pode inclusive servir a estudos comparativos e de reconstrução de protossistemas fonológicos, que, por sua vez, servem para descobrir relações genéticas entre outros sistemas ou protossistemas. Uma descrição detalhada da fonologia pode revelar padrões harmônicos, sistemas tonais ou acentuais que modificam as tipologias estabelecidas, que mostram interações inéditas entre morfofonologia e ritmo ou que apresentam um comportamento suprasegmental muito parecido com o tom, mas de traços fonológicos não tonais.

**Revista Linguística:** Você poderia citar um exemplo de fenômeno exibido por uma língua indígena que tenha sido decisivo para algum debate em torno de um tema em linguística?

**Leo Wetzel:** Em geral, os debates linguísticos tratam de problemas relacionados a teorias específicas. As mudanças paradigmáticas, relativamente frequentes nas últimas décadas, focalizam aspectos diferentes da fala, envolvendo também novos modelos representacionais: contrastes fonêmicos e neutralizações (estruturalismo), regularidade estrutural e regras (gerativismo clássico), representações fonológicas (modelos não-lineares), processos (ou restrições) universais (TO). Esses modelos devem ser empiricamente testados. Por razões óbvias, as línguas melhor descritas, normalmente indo-europeias, têm uma grande vantagem nesses debates, pois as questões levantadas normalmente são bem específicas e exigem um conhecimento linguístico detalhado. Por exemplo, Clements justificou o nó cavidade oral na representação da geometria dos traços consonantais com base num estudo que fez sobre as consoantes intrusivas na história das línguas indo-europeias, mas o mesmo poderia ter sido feito com base nas consoantes intrusivas do Maxakalí, como mostrei no livro acima mencionado. As línguas humanas, além de serem diferentes, têm muitas similaridades, e geralmente os fenômenos observados pelos estudiosos de línguas menos estudadas não são do tipo “isso nunca foi exibido antes”, mas mostram que certos fenômenos são implementados nas línguas do mundo em termos de uma maior variação interlinguística do que foi observada com base nas línguas já conhecidas. Por exemplo, o debate sobre a distribuição dos dispositivos morfossintáticos para distinguir argumentos internos e externos nas línguas do mundo, tais como concordância, ordem de palavras, marcação de caso, normalmente referido como “alinhamento sintático”, está sendo alimentado já há muitos anos por estudos baseados em línguas minoritárias, inclusive nas línguas nativas das Américas. Nosso entendimento de alternâncias fonológicas e morfofonológicas ritmicamente condicionadas não seria o que é agora sem o conhecimento das línguas Pano (e.g. González, 2005). O fenômeno da pré-vocalização é conhecido desde muito tempo, mas por enquanto não foi encontrada uma língua como o Maxakalí, com pré-vocalização geral que afeta todas as consoantes codais e que cria uma variação sincrônica produtiva entre consoante, consoante pré-vocalizada e vogal. As línguas polissintéticas, por acaso, se encontram, sobretudo, em áreas linguísticas até recentemente pouco estudadas: Américas, Sibéria, Austrália e Papua. Desde os anos 20 do século passado, começando pelo trabalho tipológico de Edward Sapir, até o estudo de Mark Baker, no modelo Chomskyano de “Princípios e Parâmetros”, e os trabalhos tipológicos recentes de Michael Fortescue entre muitos outros, essas línguas têm sido cruciais para o desenvolvimento de uma parte da teoria sintática formal e da tipologia linguística. Me



parece que não existe linguista sério capaz de dizer que o estudo das línguas nativas brasileiras, assim como o estudo de outras línguas minoritárias ao redor do mundo, não tem nada a oferecer para a linguística geral. Na medida em que nosso conhecimento das línguas do mundo cresce, a contribuição à linguística geral vinda das línguas ainda pouco estudadas também irá crescendo.

**Revista Linguística:** A seu ver, quais são os fenômenos fonológicos (ou de outro nível linguístico) mais instigantes do ponto de vista teórico-descritivo nessas línguas? Que fenômeno(s) ainda careceria(m) de maior adequação explicativa?

**Leo Wetzels:** Uma avaliação honesta das informações disponíveis sobre as línguas indígenas indica uma precariedade descritiva global. Quase todos os assuntos carecem de uma descrição mais detalhada. A maioria das línguas nunca foram estudadas e a maioria das gramáticas mais ou menos completas que existem resultam do trabalho de um só linguista. Comparando o detalhe de conhecimento que temos das línguas nativas com o das línguas indo-europeias, o contraste é enorme. A origem do contraste é óbvia. O conhecimento amplo e detalhado das línguas indo-europeias resulta do debate centenário entre um grupo grande de especialistas de cada uma das línguas desse tronco e de suas famílias. Precisamos que se abram debates para as línguas indígenas particulares por grupos de especialistas, incluindo falantes nativos com formação linguística sólida. Dizendo isso, não estou diminuindo o grande valor dos trabalhos, alguns deles impressionantes, que já foram feitos e que estão sendo feitos, os quais favorecem a abertura de debates. Para avançar, precisamos efetivamente de um debate também ao nível das línguas individuais. É claro que ainda não chegamos a esse ponto. Faltam especialistas, faltam linguistas que sejam falantes nativos, falta interesse no estudo das línguas indígenas, e isso por razões compreensíveis, porque a disciplina é, sobretudo, acadêmica e faltam vagas nas universidades. Vamos ver quais serão as condições e as possibilidades que o futuro trará para um estudo mais intensivo e extensivo das línguas indígenas. Voltando para nosso mundo real e respondendo a sua pergunta mais concretamente, eu diria que, considerando a parte descritiva e teórica do que foi feito, o que falta, sobretudo na área da fonologia, são estudos instrumentais da prosódia: acento, tom, entoação e a interação entre eles, que permitam análises fonológicas detalhadas e adequadas, e que abram o caminho para estudos de interface entre estruturas prosódicas e sintáticas. Para as línguas polissintéticas, mais particularmente, o estudo da prosódia também envolve uma descrição dos domínios fonológicos, ao lado de um mapeamento das regras fonológicas e fonéticas que ocorrem em cada domínio.

**Revista Linguística:** O Kaingáng tem segmentos com três fases, no que se refere ao papel do véu palatino. Até que ponto isso poderia ser enquadrado como idiossincrasia do Kaingáng e por que isso não é muito recorrente translinguisticamente?

**Leo Wetzels:** Parece que não é uma idiossincrasia do Kaingáng. O Karitiana é outra língua nativa brasileira que tem consoantes trifásicas. Suponho que possam existir outras. Minha hipótese sempre foi que a primeira fase oral de um segmento trifásico como [VbmbV] é um efeito fonético que tem a ver com o *timing* heterossilábico opcional da consoante nasal intervocálica (que, em Kaingáng, pode ser onset e coda). As fases do contorno variam bastante em termos de duração, sobretudo a primeira

fase oral que nem sempre se realiza, como foi mostrado por [Wilmar] D'Angelis num estudo fonético de tais sons no dialeto Kaingáng da área indígena Xapecó (Santa Catarina). Minha hipótese se baseia na observação de que a parte [bm] de [bmb] é típica da realização do /m/ na coda da sílaba, que a sequência ([V,oral])<sub>oo</sub>(bmV) parece não existir nas múltiplas línguas sul-americanas com consoantes bifásicas e que, em geral, a tautossilabidade com um núcleo oral, quer dizer, não a mera contiguidade da consoante nasal com a vogal oral, é uma condição para emergência de consoantes polifásicas em Kaingang.

**Revista Linguística:** Desde a publicação do livro supracitado, como não podia deixar de ser, muitas contribuições foram feitas à teoria fonológica. Há desdobramentos teóricos que fariam você rever (ou complementar) alguns pontos sobre suas análises, do Kaingáng e do Maxakalí?

**Leo Wetzels:** Me lembro que, quando Morris Halle dizia algo na sala de aula que conflitava com o que ele tinha dito ou escrito antes, e um aluno esperto lembrava para ele essa discordância, ele sempre respondia “*what is important is what I think today, not what I have written in the past*”. Evidentemente, não sou Morris Halle, mas quanto a isso vou discordar dele. Certamente, a mensagem que a resposta vincula é correta. A ciência é uma busca contínua. Nossas ideias se baseiam em grande parte em nossa experiência com a matéria que estudamos, e seria estranho que um pesquisador nunca mudasse de ideia durante sua carreira. Por outro lado, o desinteresse nos erros prévios, implícito no flegmatismo da resposta, me parece fingido. Como todos nós queremos descobrir a verdade, quero dizer, a verdadeira razão de ser de um fenômeno, é claro que ficamos decepcionados quando fica evidente que erramos. Entretanto, isto faz parte da nossa condição de “buscadores” e de participantes de um debate que, idealmente, envolve outros pesquisadores. Minha análise da pré-vocalização do Maxakalí se baseia num estudo de Gudschinsky, Popovich e Popovich, e, por sua vez, constitui uma parte central de uma visão mais global sobre a pré-vocalização recentemente proposta por Operstein. Essa linguista trabalha com a teoria dos gestos, e apesar do fato de ela concordar com minha visão do fenômeno, argumenta que a modelagem do processo em termos dos gestos é mais explicativa do que a geométrica. Discordo dela nesse ponto, mas, no final das contas, não é isso o que mais importa. O importante é que, independentemente do modelo adotado, ela coloca os dados do Maxakalí dentro de um conjunto mais amplo de fenômenos que, segundo ela, diz respeito a um processo de enfraquecimento ou lenição. O que me parece importante é que pelo livro dela o debate continua, e isso continuará trazendo novos *insights*. Paralelamente, Mário da Silva e Andrew Nevins estudaram a variação da pré-vocalização do Maxakalí em termos labovianos, mostrando aspectos do processo ainda desconhecidos. É isto exatamente ao que me referi anteriormente, ao dizer que nós avançamos somente quando se abrem perspectivas diferentes, cada um dos participantes no debate trazendo sua criatividade e especialidade. Acho que no outro capítulo que escrevi sobre o Maxakalí o processo das consoantes intrusivas foi bem definido em termos geométricos, com o intento de providenciar uma prova suplementar para o nó “Cavidade Oral”, mas poderia facilmente imaginar uma remodelagem em termos gestuais também, como é possível para qualquer fenômeno fonético. Meus problemas com a teoria dos gestos são de natureza diferente, que reservo para expor nas minhas aulas. Quanto à relevância da sílaba para a emergência dos segmentos polifásicos do Kaingáng, ainda não vi outra proposta que melhor explique o fenômeno, mas “o impossível não há”, como disse Quincas Berro D'Água.

## REFERÊNCIAS

- Baker, Mark C. (1996). *The Polysynthesis Parameter*. Oxford Studies in Comparative Syntax. New York: Oxford University Press.
- Clements, G.N. (2003). Feature Economy in Sound Systems. *Phonology* 20,3:287-333.
- Clements, G. N. (1987). Phonological feature representation and the description of intrusive stops. In *CLS Parasession on Autosegmental and Metrical Phonology*. Chicago: Chicago Linguistics Society, 29–50.
- D’angelis, Wilmar da R. (1999) Gradient Versions of Pre-, Post-, and Circum-Oralized Consonants in Kaingang (Brazil). *ICPhS 99*, San Francisco: 1043-1045.
- González, Carolina (2005). Phonologically–conditioned allomorphy in Panoan: towards an analysis. Heinz, Martin & Pertsova (eds.), *UCLA Working Papers in Linguistics*, 11, 39-56.
- Gudschinsky, S. C. and Popovich, F. and Popovich, H. (1970). Native reaction and phonetic similarity in Maxakali phonology. *Language* 46 (77-88).
- Operstein, Natalie (2009). *Consonant Structure and Prevocalization*. John Benjamins Publishing Company. Amsterdam/Philadelphia.
- Reesink, Edwin B. (2010). *Allegories of Wildness: Three Nambikwara Ethnohistories of Sociocultural and Linguistic Change and Continuity*. Rozenberg Publishers.
- Sapir, Edward (1921). *Language: An introduction to the study of speech*. New York: Harcourt, Brace and Company.
- Telles, S. & L. Wetzels (no prelo). Polysynthesis in Lakondê, a Northern Nambikwaran Language of Brazil. Michael Fortescue, Nicholas Evans, and Marianne Mithun (eds.). *Handbook of Polysynthesis*. Oxford University Press.
- Wetzels, L. (1985). The Historical Phonology of Intrusive Stops: a Non-Linear Approach, *Canadian Journal of Linguistics*, 30,3: 285-333.
- \_\_\_\_\_. (Ed) (1995). *Estudos fonológicos das Línguas Indígenas Brasileiras*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- \_\_\_\_\_. (1995). Oclusivas intrusivas em Maxacalí. In: Wetzels, L. (Ed). *Estudos fonológicos das Línguas Indígenas Brasileiras*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- \_\_\_\_\_. (1995). Contornos Nasais e Estrutura Silábica em Kaingáng. In: Wetzels, L (Ed). *Estudos fonológicos das Línguas Indígenas Brasileiras*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.